

O ALGODÃO NA ECONOMIA DA PROVÍNCIA DO CEARÁ DURANTE O SÉCULO XIX: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA IMPORTÂNCIA

George Henrique de Moura Cunha¹

RESUMO

A cultura do algodão transformou substancialmente a economia da Capitania do Ceará durante o século XIX. Historicamente, após o fim das charqueadas no final do século XVIII, a região não havia experimentado um grande período de prosperidade econômica, ao contrário de Pernambuco e Bahia. O algodão, também chamado de ouro branco, proporcionou um fluxo de riqueza para a região alterando a economia local e atraindo correntes migratórias em direção ao interior da capitania. Embora o algodão tenha proporcionado riqueza aos seus habitantes, ele não se traduziu em uma distribuição equilibrada. Ela proporcionou riqueza para poucos, porém suficiente para colocar a região no mapa econômico brasileiro. Todavia, a riqueza gerada na região dependia fortemente dos mercados externos, que a acolhia como um fornecedor secundário. Este trabalho avalia, com base em dados secundários, a importância do algodão na economia local apresentando seus fatores condicionantes, que determinaram seu período de apogeu e relativa decadência, ao longo do século XIX. A análise deste trabalho compreende o período que inicia o século XIX até o que antecede a grande seca de 1877/79.

Palavras-chave: Pecuária; Algodão; Comércio exterior; História econômica do Ceará.

COTTON IN THE ECONOMY OF THE PROVINCE OF CEARÁ DURING THE 19TH CENTURY: SOME CONSIDERATIONS ABOUT ITS IMPORTANCE

ABSTRACT

The cotton culture substantially transformed the economy of the Captaincy of Ceará during the 19th century. Historically, after the end of the industrialization of salted meat in the late 18th century, the region had not experienced a great period of economic prosperity, unlike Pernambuco and Bahia. Cotton, also called white gold, provided a flow of wealth to the region, altering the local economy and attracting migratory currents towards the interior of the captaincy. Although cotton provided wealth to its inhabitants, it did not translate into a balanced distribution. It provided wealth for a few, but enough to put the region on the Brazilian economic map. However, the wealth generated in the region depended heavily on foreign markets, which welcomed it as a secondary supplier. This work evaluates, based on secondary data, the importance of cotton in the local economy, presenting its conditioning factors, which determined its peak and decay period, throughout the 19th century. The analysis of this work comprises the period that begins the 19th century until the period before the great drought of 1877/79.

Keywords: Cotton; Foreign trade; Economic history of Ceará.

JEL: N16; N56; N96.

¹ Doutor em Economia pela Universidade de Brasília (UNB). Professor do Mestrado em Desenvolvimento Regional da UNIALFA.



1 INTRODUÇÃO

Em 17 de janeiro de 1799, com a Carta Régia da Rainha Maria I, a capitania do Ceará havia conseguido sua autonomia administrativa ocasionando a separação dela com a capitania Geral de Pernambuco. As razões que levaram a coroa portuguesa a tomar esta decisão estava na incapacidade da administração pernambucana em proporcionar controle efetivo sobre os territórios do Ceará e da Paraíba, em virtude do aumento do volume de comércio local e da população ali instalada. A independência da capitania do Ceará representava, além da autonomia administrativa, também a liberdade para que seus portos pudessem comercializar diretamente com Lisboa sem ter que passar por Recife (STUDART, 2004, p. 486)².

A segunda metade do século XVIII havia proporcionado um considerável surto econômico ao Ceará baseado na pecuária e na industrialização da carne bovina. Contudo, no último quartil deste período, dois grandes períodos de secas e o surgimento de uma concorrência mais forte por parte da pecuária gaúcha, possibilitam a decadência das charqueadas em território cearense, impactando negativamente sobre a economia local. Porém, nos últimos decênios do século XVIII, o plantio de algodão surge como alternativa econômica para contrabalançar a decadência da pecuária. A comercialização do algodão se inicia, de forma incipiente, a partir de 1777. No ano seguinte as exportações cearenses de algodão crescem substancialmente. No final do século XVIII as exportações cearenses, conforme documentos antigos tabulados por Albano (1918, p.28) já haviam ultrapassado a quatrocentas toneladas anuais de algodão³.

² Segue a correspondência da Rainha de Portugal, Dona Maria para com o comandante das Esquadra e Armada Real e para o Governador da Capitania do Ceará “Pela Carta Régia de que achareis junto à cópia fui servida separar a Capitania do Ceará da imediata subordinação, em que se achava do Governo Geral de Pernambuco com as limitações ali apontadas: O que me pareceu participar-vos para vossa inteligência esperando que está mais ampla jurisdição, que vos confio, vos dará uma maior facilidade para promover todos os objetos de utilidade pública e para vos empregardes com a maior eficácia e zelo em tudo o que puder concorrer para a felicidade desses povos. Escrita no Palácio de Queluz aos dezessete de janeiro de mil setecentos e noventa e nove. – O Príncipe (STUDART, 2004, p. 486).

³ Infelizmente os registros das exportações de algodão para este período não apresentam uma continuidade anual. Todavia, somente a partir da década de 1840 é que os registros se tornarão mais apurados e com uma periodicidade constante.

Tabela 1 - Exportação de Algodão da Capitania do Ceará conforme documentos antigos

Ano	Quilos
Período durante subordinação a Capitania de Pernambuco	
1777	1.170
1778	3.510
1792	450.000
1795*	277.500
Período após autonomia sobre a capitania de Pernambuco	
1810	395.700
1813	577.675
1814	705.480
1821	318.442

Fonte: Albano (1918, p. 28).

* Somente Aracati

O crescimento do cultivo do algodão proporcionou tornar este produto na principal riqueza da região ao longo do século XIX. Podemos afirmar que tal fato proporcionou um surto econômico suficiente para atrair pessoas de regiões vizinhas e transformar o porto de Aracati, em um dos mais movimentados da região. Pela primeira vez em sua história econômica, os habitantes do Ceará experimentaram um ciclo de prosperidade. O objetivo deste artigo é descrever o processo de expansão do algodão na economia local em sua fase de ouro, ao longo do século XIX. Este trabalho está dividido em cinco partes: Introdução; A expansão da cultura do algodão cearense no final: do século XVIII a primeira metade do século XIX e os cenários externos; a expansão da cultura algodoeira cearense nas décadas de 1850/60: o impacto da guerra de secessão nos Estados Unidos e o aumento no preço do algodão no mercado externo; crise na cotonicultura cearense: ausência de um mercado interno para absorver os excedentes e a tendência de preços externos mais baixos; e conclusões

Para a realização deste trabalho, foi realizada uma pesquisa em fontes primárias e secundárias, onde se destacam: o Ensaio Estatístico da Província do Ceará publicado em 1863 por Thomas Pompeu de Sousa Brasil; e Estado do Ceará na Exposição de Chicago publicado em 1893, também pelo mesmo autor. Foram consultados trabalhos publicados na Revista do Instituto do Ceará, criada em 1887, com expressivo acervo de trabalhos históricos, geográficos e antropológicos de seus membros. Uma parte considerável da bibliografia foi consultada em obras raras

disponíveis no Instituto do Ceará, que infelizmente não estão disponíveis eletronicamente para a comunidade acadêmica, restrita somente a consulta pessoal. Procurou-se neste trabalho pesquisar diretamente as fontes originais citadas ou omitidas em fontes secundárias na literatura cearense.

2 A EXPANSÃO DA CULTURA DO ALGODÃO CEARENSE NO FINAL DO SÉCULO XVIII À PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX E OS CENÁRIOS EXTERNOS

A sobrevivência econômica do Ceará no século XVIII sempre esteve associada a uma agricultura de subsistência e a pecuária bovina extensiva, em uma região cuja população estimada era de quase cem mil habitantes (STUDART, 1997, p.4-5)⁴. O ciclo do gado proporcionou uma considerável riqueza para seus habitantes, de modo que vários núcleos urbanos surgiram em decorrência do transporte do gado do sertão em direção ao litoral pernambucano, ao longo dos caminhos percorridos em direção ao litoral pernambucano e paraibano. Posteriormente, as rotas de gado foram redirecionadas para o litoral, para fornecer matéria prima para a produção de carne salgada e peles de animais. Este período ficou conhecido como a época das charqueadas.

Com o aumento dos fluxos de comércio na região, os povoamentos de Aracati, Sobral e Acaraú cresceram em número de habitantes, emanciparam-se administrativamente e tornaram-se vilas. Destacando neste contexto, Aracati por sua pungência econômica se constituía no núcleo habitacional mais rico de toda a região (PAULA, et al., 2017, p. 146)⁵. Nesta vila, se concentrava a maior parte da indústria de carne na capitania. Do seu porto, mercadorias provenientes de todas as partes da colônia e de Portugal, chegavam em Aracati e eram redirecionadas para toda a capitania pelas estradas do sertão. Da mesma forma, o gado proveniente do interior da capitania era industrializado e sua produção era transportada pelo mar para o restante da colônia brasileira.

⁴ As primeiras estatísticas oficiais sobre a população cearense remontam ao Censo de 1872. Antes disso, algumas estimativas foram realizadas. Azevedo de Montauray havia estimado em 1783, uma população de 100 mil viventes para esta região. Cabe destacar que estes números são bem próximos ao encontrado pelo Governador da Capitania em 1808, quando na gestão de Borba Alardo foi estimado uma população local de 108 mil.

⁵ Aracati dominava o Ceará economicamente e social. Importava mais de seiscentos mil cruzados e as exportações caminhavam perto do dobro.

Embora o gado tenha proporcionado riqueza para a economia cearense, sua riqueza foi restrita para poucos, beneficiando um pequeno número de seus habitantes, em geral grandes proprietários, donos de salarias, comerciantes e exportadores. A realidade cruel era que a grande maioria dos cearenses envolvidos com esta atividade permanecia sobrevivendo em um regime de subsistência com baixos salários, que não permitiam grandes luxos (MAIA, 2015, p. 40). Em linhas gerais, a Capitania do Ceará era uma região extremamente pobre cuja principal riqueza estava assentada na pecuária extensiva e que a maior parte de sua população sobrevivia em uma economia de subsistência, com pouca circulação de dinheiro entre seus habitantes. A pecuária e agricultura de subsistência eram as bases econômicas da capitania ao longo do século XVIII.

É importante salientar, que as secas sempre estiveram presentes no registo histórico da capitania. O tempo no Ceará pode ser resumido em duas estações: a estação chuvosa ou inverno e a estação seca ou verão. As chuvas começam depois do solstício de dezembro e duram até junho sem notável interrupção, quando o ano é invernos. Em outubro no vale do Cariri e no litoral caem algumas chuvas chamadas de caju. Quando não chove depois do equinócio de março, está declarada a seca, terrívelíssima calamidade que, de 1710 a 1793, seis vezes assolaram a região, estancando as fontes de riqueza, aniquilando a indústria, dizimando a população nos horrores inenarráveis da fome e da peste⁶.

Nativo das Américas, o Algodão é conhecido dos indígenas desde os primeiros tempos coloniais, há notícias de remessas esporádicas para o reino. Cultivado, mais tarde, em pequena escala, em várias capitanias, para consumo local, só se tornou artigo importante de comércio na segunda metade do século XVIII (SIMONSEN, 1957, p. 369). O Ceara foi uma das primeiras regiões do Brasil a exportar algodão durante o período colonial, em razão das condições climáticas da região são propicias ao desenvolvimento da cultura do arbusto. Em 1777, 1170 quilos de algodão cultivados em Uruburetama foram exportados para Lisboa por portos baianos. No ano seguinte, esta mesma região exportou 3.150 quilos de algodão (ALBANO, 1922, p. 3). Com a decadência das charqueadas na economia cearense, a cultura do algodão gradualmente ocupou o espaço de importância

⁶ Durante o século XVII, as secas flagelaram a província nos seguintes anos: 1710 a 1711; 1723 a 1727; 1736 a 1737; 1744 a 1745; 1777 a 1778; 1790 a 1793 (THEOHILO, 1922, p. 11).

econômica deixado pela pecuária. Assim, a cultura do algodão se desenvolve pacificamente com à atividade pecuária, garantindo melhores condições de sobrevivência a sertanejo, além de uma remuneração monetária.

Dentro do contexto da cotonicultura brasileira, a importância do algodão cearense era considerada limitada no final do século XVIII, pois, naquele período, as regiões produtoras locais se constituíam-se apenas em um mercado acessório. Uma possível explicação para esta condição, está no fato de que capitania do Ceará estar subordinada diretamente a Pernambuco naquele período. Assim, toda a produção da região deveria ser enviada para o porto de Recife. De lá a mercadoria seria enviada para Portugal, com destino para a Inglaterra. Esta situação somente seria alterada, a partir de 1799 com a separação política de Pernambuco, e a partir daquele momento a produção cearense poderia seguir diretamente para os portos ingleses. Todavia, o direito de comercializar diretamente com a Europa, adquirido pela capitania, não diminuiu a influência de Pernambuco sobre o Ceará. Em 1810, dos nove navios que deixaram o porto de Fortaleza, cinco se destinaram a Recife, enquanto Aracati continuava a manter intercâmbio com aquela praça (SILVA, 2011, p. 56).

O processo de expansão da cotonicultura brasileira no final do século XVIII, em particular a cearense, estava associada a fatores externos. Os impactos da Revolução Americana no comércio internacional de algodão, se fizeram sentir quando as exportações da colônias norte-americanas foram estancadas, e somente será restabelecido plenamente após a guerra entre as duas nações em 1812. Ao longo deste conflito, os industriais ingleses procuraram alternativas para substituir a produção algodoeira dos Estados Unidos. Sem sua principal matéria prima, as tecelagens inglesas reduziram suas atividades até um ponto que, muitas delas deixaram de produzir. Como resposta a esta crise, a indústria de algodão inglesa procurou outras fontes de abastecimento em outros mercados. A escassez desta matéria prima nos mercados europeus provocou um aumento no preço do algodão e se constituiu em incentivo para entrada de novos fornecedores. São os preços elevados do algodão no mercado internacional que se constituíram no principal incentivo para que outros produtores não eficientes, conseguissem florescer e prosperar. Novas áreas de cultivo surgem ou são expandidas, apoiados pelo capital

inglês em toda a parte do mundo. É neste contexto que os algodoads nordestinos são incentivados.

Para os comerciantes do porto de Liverpool, durante 1785-1800, o Brasil foi a segundo mais importante fonte de suprimento de algodão (KRICHTAL, 2013, p. 21). Pereira (2017), em seu trabalho: “The cotton trade and brazilian foreign commerce during the industrial Revolution”, descreve de forma clara o processo de inserção do Brasil como um fornecedor de algodão para o setor têxtil britânico durante a Revolução Industrial. Para o autor, no final do século de XVIII, o volume de algodão transportado dos portos nordestinos se constituía em aproximadamente uma participação de 40% das cargas de algodão no porto de Liverpool, entre 1791 e 1801. A razão do sucesso das fibras nordestinas no mercado britânico no final do século XVII, se devia a qualidade superior da sua fibra, compatível com os novos tipos de tecidos produzidos. Tal condição proporcionou uma forte aceitação pelos industriais ingleses, tornando o Brasil um importante fornecedor de algodão.

Os dados da Tabela 2 e 3 descrevem as importações de algodão do reino de Portugal, com relação aos principais portos da colônia. É interessante ressaltar, que para os anos de 1796 e 1806, todas as mercadorias recebidas do Brasil praticamente eram reexportadas pelos portugueses e quase nada permanecia em Portugal. O principal destino das mercadorias provenientes do Brasil que chegavam em Portugal eram os portos ingleses. Os dados de 1819 se referem ao período posterior à abertura dos portos brasileiros às nações amigas, a partir da chegada da família real portuguesa em 1808, que havia fugido das tropas de Napoleão Bonaparte. Em razão disso, o comércio entre Portugal e Brasil é reduzido pela metade ao comparar os dados de 1806 e 1819. Porém, seguindo um caminho contrário ao verificado em quase toda a colônia brasileira, a capitania do Ceará aumenta o valor das suas exportações para com Portugal, de 54,2 contos reis em 1806, para 211,6 mil contos de reis em 1819.

Embora as informações disponíveis relativas à exportação algodoeira sinalizem um crescimento formidável no valor das mercadorias transportadas pelos portos cearenses entre 1806 e 1819, ainda assim, a participação da capitania na economia nacional era apenas marginal, quando comparada a outras regiões produtoras. Durante este período, as capitanias do Maranhão, Bahia e Pernambuco concentravam mais que 90% de todas as exportações brasileiras. A participação do

Ceará era reduzida, porém promissora. Em 1806, elas representavam um pouco mais que 1,5 %. Em 1819, este percentual alcançava 11,86%. (ver Tabela 3). Somente a partir de 1808, a capitania começou se estabelecer rotas para os navios ingleses em direção a Fortaleza para Aracati ou Coreaú de forma incipiente. Naquele período, Recife e São Luís, eram os principais portos por onde escoavam a produção de algodão no Nordeste em direção a Inglaterra.

Tabela 2 - Importações de algodão no reino de Portugal provenientes da Brasil, 1796, 1806 e 1819 (%)

Porto/Ano	1796	1806	1819
Rio de Janeiro	1,29	0,76	0,42
Bahia	15,71	11,28	7,69
Pernambuco	37,57	52,03	31,51
Maranhão	38,43	32,39	43,86
Pará	3,23	2,00	4,64
Paraíba	3,74	-	-
Ceará	0,00	1,53	11,86
Santos	0,02	0,00	0,00
Brasil	100,0	100,0	100,0

Fonte: Simonsen (1957, p. 386-387) e tabulações do autor.

Tabela 3 - Valor das importações de algodão no reino de Portugal provenientes da Brasil, 1796, 1806 e 1819 em Reis

Porto/Ano	1796	1806	1819
Rio de Janeiro	28.501\$600	26.983\$480	7.494\$400
Bahia	345.840\$000	399.702\$400	137.263\$360
Pernambuco	827.016\$200	1.844.310\$080	562.293\$760
Maranhão	845.906\$800	1.148.153\$600	782.679\$040
Pará	71.056\$260	71.030\$400	82.875\$520
Paraíba	82.405\$290	-	-
Ceará	-	54.219\$200	211.685\$760
Santos	542\$800	0	0
Brasil	2.201.268\$950	3.544.399\$160	1.784.291\$840

Fonte: Simonsen (1957, p. 386-387).

Os dados da Tabela 4 mostram o movimento de carregamento de sacos de algodão entre a Inglaterra e o Brasil nos primeiros anos do século XIX, precisamente no período que antecede a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, promulgada por Don Joao VI, regente da coroa portuguesa. É importante destacar a superioridade nas importações ingleses de algodão provenientes do sul dos Estados

Unidos em relação ao Brasil. Também é possível identificar duas possíveis tendências no fluxo de comércio entre as duas nações americanas e a Inglaterra: a primeira sinaliza uma redução nas cargas de algodão transportadas provenientes do Brasil; a outra, em sentido contrário, sinaliza um aumento nas vendas dos Estados Unidos em direção aos portos ingleses. Este cenário era uma consequência bastante provável do reestabelecimento das relações comerciais entre a antiga colônia britânica e sua antiga metrópole cortadas desde a guerra da independência.

Tabela 4 - Quantidade de algodão importado pela Inglaterra (sacas)

Ano	Brasil	Estados Unidos
1800	30.593	40.342
1801	37.900	51.447
1802	72.660	105.187
1803	70.263	103.063
1804	45.739	102.174
1805	52.141	122.078
1806	47.802	124.092
1807	18.981	171.267

Fonte: Simonsen (1957, p. 370).

Se o comércio internacional de algodão estava, em meados do século XVIII e início do século XIX, reestabelecendo suas antigas rotas comerciais, proporcionando uma redução nas exportações brasileiras deste produto, este mesmo cenário não pode ser descrito para a cotonicultura cearense. Como descrito anteriormente, as exportações da capitania do Ceará cresceram substancialmente impactando positivamente sobre a economia local. É importante salientar que o comércio internacional de algodão afetou diretamente a produção de algodão no Ceará, provocando um aumento na demanda interna. Antes, o algodão era empregado basicamente como matéria-prima rudimentar na indústria caseira local, possibilitando a confecção de fios, panos grosseiros e redes de dormir (GIRÃO, 2000, p. 205).

A separação de capitania do Ceará do jugo da capitania de Pernambuco em 1799 se traduziu em um marco histórico para a região. A independência política da Capitania significava também uma busca pela autonomia financeira, e com isso a necessidade de mais recursos para financiar as atividades do recém instalado governo local e todo o seu corpo operativo. Ao longo das transformações políticas

acontecidas no país, a consolidação do aparelho burocrático na província – sistema judiciário e tributário, consolida a importância da capital do Ceará no cenário político local. Todavia, naquele momento, a realidade econômica não era das melhores, visto que as primeiras receitas da capitania eram insuficientes para cobrir seus gastos. Com objetivo de conseguir maiores recursos, no começo do século XIX, o governo da capitania estabeleceu um processo de fiscalização das atividades produtivas, por meio das Mesas de Inspeção de Algodão, nos portos de Aracati, Acaraú e de Fortaleza, com objetivo de facilitar a tributação da produção e também de garantir uma boa qualidade do algodão cearense exportado, e com isto obter preços mais elevados.

Apesar do aumento na quantidade de navios atracados na capital cearense anualmente, no começo do século XIX e de conseguir estabelecer relações comerciais com portos ingleses, Fortaleza não era a povoação mais rica da província. Este posto ainda permanecia nas mãos de Aracati. A vila de Aracati permanecia como principal área econômica da província e pelo porto, além de algodão, eram transportadas diversas mercadorias locais para outras províncias próximas tais como: couros, peles, animais vivos, sal etc. O algodão proporcionou desenvolvimento para a vila de Fortaleza, que antes não possuía nenhum destaque. No começo do século XIX, as principais regiões produtoras de algodão estavam localizadas nas cercanias de Baturité, Maranguape, Aratanha (Pacatuba), Uruburetama, Meruoca (Próxima a Sobral) e Pereiro (na divisa com Rio Grande do Norte). Os primeiros registros de exportação de algodão da província do Ceará diretamente para a Inglaterra datam de 1810 durante o governo de Borba Alardo.

Antes disso, toda produção local comercializada dos portos cearenses era transportada em direção a Recife. De lá, o algodão era enviado diretamente para portos portugueses, e posteriormente a partir de 1808 para portos ingleses. Neste mesmo ano foram exportadas pelo porto de Fortaleza 165,5 toneladas de algodão⁷.

⁷A situação do comércio externo da capitania do Ceará é descrita por Brazil (1863, p. 472-473): *“Sujeita a capitania do Ceará a Pernambuco, foram suas relações commerciaes sempre e quasi que exclusivamente com a praça do Recife até que em 1809 o governador Luiz Borba Alardo de Menezes, pondo-se a testa da agricultura e do commercio, conseguiu por meio de associações que os negociantes da capitania abrissem comunicação directa com alguns portos da Europa (Lisboa e Liverpool).Essa tentativa produziu excellentes resultados, deu animação á cultura do algodão, e teria desenvolvido os recursos da terra se em seguida os corsarios francezes, e depois os de Artigas, e mais tarde os de Buenos-Ayres, sem fallar nas convulsões politicas de 1817 a 1825, não tivessem contrariado essa industria nascente.Não pôde superar tamanhos obstaculos essa tentativa do commercio directo com a Europa, e de todas as casas comerciais só uma ingleza, que logo*

Em 1813, o volume das exportações alcançou a marca de 306,1 toneladas. No ano seguinte, 351,7 toneladas de algodão (THEOPHILO, 1922, p. 19). Quanto a composição das exportações cearenses para Portugal é bastante clara o papel do algodão como principal produto. Tanto em 1806 como em 1819, sua participação na pauta de mercadorias transportadas era de mais de 80% e 96%, respectivamente.

Tabela 5 - Valor das mercadorias importadas no reino de Portugal provenientes da Capitania do Ceará, 1806 e 1819 em Reis

Produtos	1806	1819
Viveres	1.697\$100	6.413\$600
Ouro	454\$400	0
Algodão	54.219\$200	211.685\$760
Couro	9.464\$750	2.178\$000
Drogas	1.147\$200	0
Madeiras	380\$000	0
Tabaco e outros artigos	0	176\$000
Total	67.362\$650	220.453\$360

Fonte: Simonsen (1957, p. 386-387).

Incomodava aos dirigentes de Fortaleza a inferioridade econômica dela em relação a Aracati. Assim, como alternativa para aumentar o peso político e econômico da capital da província⁸, o governo local estabeleceu uma redução de 50% nas tarifas alfandegárias para os produtos exportados pelo porto da Fortaleza. Tais ações visavam diretamente encarecer o custo de transporte para as mercadorias comercializadas em outros portos da capitania e favorecer os fluxos de comércio em direção a Fortaleza. Associado a estas medidas, outras ações foram estabelecidas com a finalidade de centralizar as atividades econômicas em direção de Fortaleza, e conseqüentemente levar a esta cidade o poder da Capitania, tais como: melhoria das condições de transporte de mercadorias para os navios, construção de estradas ligando o interior a Fortaleza, instalação da alfândega, da junta da Fazenda e dos Correios (FARIAS, 2012, p. 104).

depois estabeleceu-se nesta cidade, persistiu no trafico, continuando porem sempre o de cabotagem em maior escala com as praças de Pernambuco e Maranhão, tanto desta cidade, como dos portos do Aracaly, Acaracú e Granja."

⁸ Uma das conseqüências da separação política entre Brasil e Portugal em 1822, estava na transformação das capitanias em províncias. Em 1823, Fortaleza passava a categoria de cidade.

Durante a primeira metade do século XIX, a economia cearense continuava funcionando praticamente nos mesmos moldes do período colonial. A pecuária extensiva e a agricultura de subsistência continuavam a moldar a vida do sertanejo. Segundo Brasil (1893), o desenvolvimento industrial e mercantil do Ceará teve início propriamente na primeira metade do século XIX, quando se estabeleceram as linhas de navegação ligando o porto de Fortaleza a outros do litoral brasileiro e principalmente, e posteriormente a partir de 1866, quando começou a navegação a vapor para Liverpool, com escala por Lisboa. Com o estabelecimento das rotas comerciais com o exterior, a possibilidade de comercializar outros produtos no mercado internacional é viabilizado, com aparecimento de produtos locais nos mercados da Europa (cera de carnaúba, café, açúcar e algodão). Até então, o seu comércio de importação e exportação era feito quase todo pelo entreposto de Pernambuco, sendo apenas frequentados por navios a vela de procedência europeia os portos de Fortaleza e Aracati.

Infelizmente é grande a carência de registros sobre a movimentação de mercadorias dos portos do Ceará antes da década de 1840, o que impossibilita uma análise mais profunda sobre as mercadorias transportadas e os seus impactos sobre a economia local. Este problema é parcialmente resolvido somente em 1863, com a publicação do Ensaio Estatístico da Província do Ceará de Thomas Pompeu de Souza Brasil, onde as informações referentes a alfandega são disponibilizadas a partir de 1845. Antes desta data, as informações disponíveis sobre a cultura do algodão eram esparsas e não organizadas sistematicamente.

O que se dispõe antes da década de 1840, para consulta ao público são registros esparsos em registros da província. De acordo com Girão (2000, 223-225), a partir de 1822 os negócios do algodão declinaram sensivelmente na província, em consequência não só de doenças que o atacaram, mas também pela queda nos preços no mercado internacional. Em 1829, a redução nos preços chegaria a um nível que não pagava o custo de produção. As condições da cotonicultura seriam favoráveis em 1835, quando se verificou uma grande safra, a maior até então registrada. Entre 1830 e 1845, algumas tentativas de modernização da cultura algodoeira são perpetradas pelo governo provincial ao introduzir máquinas e equipamentos para o descaroçamento do algodão e a contratação de técnicos agrícolas.

No final da década de 1848, as condições para o desenvolvimento do algodão já se apresentavam favoráveis. Um bom exemplo disso, estava no relatório anual do presidente da província à Assembleia Legislativa em primeiro de julho de 1848, no qual descreve as condições da cotonicultura cearense (ALBANO, 1922, p. 25).

O algodão, cuja cultura esteve algum tempo abandonada por causa do mofo, já continua a ser lavrado com vantagem e creio que este ano teremos muito algodão; a circunstância de que este género é alguma cousa poupado pela seca tem por ventura concorrido para que sua cultura tenha sido feita com preferência a dos outros géneros (ALBANO, 1922, p. 22).

Na primeira metade do século XIX, foram registradas quatro grandes secas (1816-17; 1824-26; e 1844-45) e quatro secas parciais (1827, 1830, 1833 e 1837), contudo, as secas aparentemente não reduziram o ritmo de crescimento da Província. Em 1808 as estimativas sobre a população da Capitania eram de 125 mil habitantes. No ano de 1821, foi realizada outra estimativa para as eleições para o Congresso Português (Cortes de Lisboa), em que se contabilizou uma população de 150 mil viventes no Ceará. Em 1850, as estimativas para população da Capitania alcançavam o registro de 400 mil almas vivas. Com base nestas informações, em 38 anos, a população da capitania havia crescido a uma taxa média anual de 3,7% (BRASIL, 1890, p. 253-272).

Durante a segunda década do século XIX, a cultura algodoeira cearense, após a independência política brasileira encontrava-se em crise. Os fatores que poderiam explicar esta situação seriam provenientes do período de seca ocorrido nos anos de 1824/26, do surto de peste e das rebeliões. A este quadro, também deve ser acrescentado uma conjuntura internacional desfavorável, a diminuição na demanda internacional de algodão e nos baixos preços do produto no mercado internacional (ACCIOLY, 1993, p. 111-112).

Em linhas gerais, nas primeiras três décadas do século XIX, os preços do algodão no mercado internacional apresentavam uma tendência de queda, o que se traduzia em menores preços para o produtor cearense. Com a organização administrativa consolidada na capitania, os registros de comércio internacional pelo porto de Fortaleza começam a ser divulgados. As informações contidas na Tabela seguinte mostram as exportações de algodão pelo porto de Fortaleza na segunda metade da década de 1840, em quantidade físicas e em moeda nacional. De forma

geral, é razoável acreditar que as exportações cearenses estivessem concentradas no transporte de algodão sua maior riqueza. Este quadro de escassos registros sobre o comércio exterior começa a ser revertido a partir da década de 1840, quando começa a ser disponibilizado pela alfandega de Fortaleza registros das transações de mercadorias para o comércio internacional. As informações contidas na Tabela 6 mostram as exportações de algodão pelo porto de Fortaleza entre 1845 a 1860, em quantidade físicas e em moeda nacional⁹. As informações contidas nesta Tabela apontam para um crescimento na quantidade exportada a partir de 1848.

Tabela 6 - Exportação de Algodão no Porto de Fortaleza, 1845 a 1860

Ano	Quantidade em Toneladas	Valor em Mil Reis	Preço Médio em Reis	Preço Médio (1865/6 = 100)
1845-6	124,8	39.981,0	320,4	36,1
1846-7	46,38	12.632,0	272,4	30,7
1847-8	249,6	73.207,0	293,3	33,1
1848-9	511,3	131.397,0	257,0	29,0
1849-50	368,2	110.317,0	299,6	33,8
1850-1	717,3	270.596,0	377,2	42,5
1851-2	630,3	201.728,7	320,1	36,1
1852-3	991,6	340.991,1	343,9	38,8
1853-4	746,9	300.071,0	401,8	45,3
1854-5	703,3	237.875,6	338,2	38,1
1855-6	954,1	357.163,2	374,3	42,2
1856-7	904,3	369.468,0	408,6	46,0
1857-8	1.128,20	519.573,3	460,5	51,9
1858-9	1.091,40	524.658,6	480,7	54,2
1859-60	1.139,40	596.318,3	523,4	59,0

Fonte: Albano (1922, p. 4-5).

⁹ As informações disponíveis para cada período, considerava como ano fiscal, o segundo semestre de um ano, mais o primeiro semestre de outro. Assim, para 1845/6, temos as informações do segundo semestre de 1845 mais o primeiro semestre de 1846. O mesmo raciocínio se aplica para os anos seguintes.

3 A EXPANSÃO DA CULTURA ALGODOEIRA CEARENSE NAS DÉCADAS DE 1850/60: O IMPACTO DA GUERRA DE SECESSÃO NOS ESTADOS UNIDOS E O AUMENTO NO PREÇO DO ALGODÃO NO MERCADO EXTERNO

Por volta de 1850, a Inglaterra concentrava o maior parque industrial têxtil mundial. Suas fabricas demandavam algodão de todas as partes do mundo para a produção de tecidos, fornecidos a preços baixos e acessíveis a uma grande massa de trabalhadores. Seus principais fornecedores eram os Estados Unidos, Índia, Egito e o Brasil. No começo da década de 1860, os Estados Unidos eram responsáveis por três quartos de todo algodão importado pelo Britânicos, seguido pela Índia (16,72%), Egito (3,27%) e Brasil (3,06%). Os Estados Unidos eram, desde o século anterior, o principal fornecedor de matéria prima para as tecelagens britânicas. Entretanto, o fluxo de comercio de algodão, entre a Inglaterra e as zonas produtoras nos Estados Unidos seria cortado com o início da guerra de secessão entre os Estados da Confederação e dos Estados da União, provocando uma desorganização do setor. A escassez de matéria prima para as fabricas britânicas praticamente paralisou o setor têxtil britânico, que de uma hora para não poderia repor. Analisando a série de dados para 1860 e 1884, podemos verificar o começo da década de 1860, quando as importações de algodão caíram de 3.367 mil fardos em 1860 para 1.445 mil fardos em 1862: uma redução de 57% no volume transportado.

Tabela 7 - Importações de algodão da Grã-Bretanha (em mil arrobas)

Ano	Estados Unidos	Índia	Brasil	Egito	Total	Preço (pence por libra)
1860	2.581	563	103	110	3.367	5,97
1861	1.842	987	100	98	3.036	8,5
1862	72	1.072	134	147	1.445	18,37
1863	132	1.391	138	249	1.932	22,46
1864	198	1.799	212	319	2.587	27,17
1865	462	1.408	340	414	2.755	19,11
1866	1.163	1.867	408	200	3.749	15,3
1867	1.226	1.511	437	198	3.501	10,98
1868	1.269	1.452	637	201	3.660	10,52
1869	1.040	1.496	514	227	3.383	12,12
1870	1.664	1.064	403	219	3.462	9,89
1871	2.249	1.236	515	272	4.405	8,55
1872	1.403	1.236	717	305	3.880	10,78
1873	1.898	1.288	472	328	3.904	9,65
1874	1.958	1.041	498	300	3.915	8,36
1875	1.859	1.055	424	281	3.708	7,67
1876	2.075	776	332	332	3.583	6,61
1877	2.007	522	316	293	3.198	6,29
1878	2.223	432	128	184	3.016	6,31
1879	2.427	506	77	256	3.359	6,16
1880	2.634	570	123	240	3.640	6,94
1881	2.742	538	229	272	3.837	6,48
1882	2.592	1.052	301	230	4.235	6,7
1883	2.748	688	281	267	4.035	5,9
1884	2.765	801	346	292	4.155	6,03

Fonte: Wright (1975, p. 611).

A grande escassez de algodão se constituiu em fator decisivo para reverter uma tendência de queda no preço do algodão verificada em períodos anteriores. De acordo com os preços nominais em libras para o fardo do algodão, a retirada da produção do sul dos Estados Unidos provocou uma forte elevação nos preços do produto, que somente foi revertida em 1864 (ver Tabela 7). Enquanto os Estados Unidos continuavam sua guerra de secessão, outros mercados produtores passaram a substituir a posição norte-americana nas importações britânicas. Os produtores indianos, que na época pertenciam ao Império Britânico, conseguiram parcialmente suprir a brecha de mercado proporcionada pelos ianques, visto que em 1864 eles respondiam com quase 70% das importações. Naquele período, o Egito pertencente

ao Império Otomano, tradicional aliado dos ingleses, era o segundo principal fornecedor, seguido do Brasil em terceiro. Contudo, a partir de 1866, com a retomada das exportações de algodão pelos Estados Unidos para a Grã-Bretanha, o Brasil consolida-se como terceiro maior fornecedor de algodão, posição que iria perder no final da década de 1870 (ver Tabela 7).

A expansão da cultura algodoeira proporcionou uma oportunidade única, até aquele momento, por ser uma fonte perene de riqueza para os habitantes do Ceará. O plantio de algodão, iniciado em meados do século XVIII e intensificado com as crises de oferta no mercado internacional, se constituiu na principal riqueza da economia cearense até então. Seu auge aconteceria justamente nos dez anos seguintes após o fim da guerra de secessão norte-americana. De uma hora para outra, todos procuraram plantar algodão, chegando até descuidar-se na produção de gêneros alimentícios.

De um ano para outro, a província cobriu-se de algodões: derribavam-se as matas seculares do litoral às serras, das serras ao sertão: o agricultor com um machado em uma das mãos e o facho n'outra deixava após si ruínas enegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes, as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos alucinava, a febre da ambição (THEOPHILO, 1922, p. 22).

Se o algodão possibilitou uma fonte de riqueza para os habitantes da província, ela também trouxe consigo um grande problema ambiental no sertão cearense. Cada vez mais se acelerou a atividade dos lavradores ambiciosos e imprevidentes. Aos golpes do machado destruidor iam caindo diariamente as matas nativas; devorava-as depois o incêndio; surgiam novas e numerosas lavras (THEOPHILO, 1922, p. 23). À medida que a área plantada crescia, aumentava o volume de comércio na cidade de Fortaleza, tornando-a a mais importante economicamente da província.

Durante a safra, o comércio de Fortaleza apresentava grande movimento de mercadorias. Suas vias urbanas eram preenchidas por comboieiros, mascates e caixeiros viajantes que transportavam as mercadorias do interior para capital e vice-versa. Em 1866, a importância da cidade de Fortaleza já estava consolidada como maior polo econômico da província. Segundo dados da Tesouraria Provincial, o porto de Fortaleza respondia, naquele ano, por 59% de todas as mercadorias

transportadas por via marítima (1.567 toneladas). Em seguida, estava a cidade de Aracati 17%.

Em “Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo”, Davis (2002, p. 401) assinala que a cultura algodoeira estava baseada no trabalho livre. Os proprietários de terras, quando dispunham de mão-de-obra escrava, preferiam pagar assalariados nas roças a seus poucos cativos¹⁰. Tratava-se, portanto, de alternativa para a decadente economia açucareira nordestina que não conseguia absorver a mão-de-obra na região. O cultivo do algodão exigia pouco ou nenhum investimento e havendo disponibilidade de terras, bastava apenas utilizá-la. O sertão do Ceará apresentava as condições ideais para incorporar, na produção de algodão, os braços que eram desperdiçados na cana de açúcar. Assim, os preços altos foram se constituindo em um forte atrativo para que fazendeiros de subsistência, sem-terra e sem rumo, procurassem os sertões como uma alternativa para sobrevivência¹¹.

O sertão absorveu a população excedente da zona da mata durante os períodos estagnados da indústria canavieira, e beneficiou-se da mão-de-obra e da energia daqueles que, por motivos econômicos, psicológicos ou qualquer outro, não conseguiam integrar-se na famosa lavoura açucareira da casa grande e senzala (DAVIS, 2002, p. 402)”.

A expansão da cultura algodoeira impactou de forma negativa sobre o meio ambiente do sertão cearense. Cada vez mais se acelerou a atividade dos lavradores ambiciosos e imprevidentes. Aos golpes do machado destruidor iam caindo diariamente as matas nativas; devorava-as depois o incêndio; surgiam novas e numerosas lavras (THEOPHILO, 1922, p. 23). À medida que a área plantada crescia, aumentava o volume de comércio na cidade de Fortaleza, tornando a cidade mais importante economicamente da província. Durante a safra, o comércio de Fortaleza apresentava grande movimento de mercadorias. Suas vias urbanas eram preenchidas por comboieiros, mascates e caixeiros viajantes que transportavam as mercadorias do interior para capital e vice-versa¹².

¹⁰ Em 1863, um camponês recebia uma diária de 1.280 reis. Em 1871, restabelecida a paz nos Estados Unidos, os preços do algodão caem e, consigo também são reduzidas a remunerações pagas aos camponeses, que alcança o patamar de 500 reis a diária. (THEOPHILO, 1922, p. 22).

¹¹ Por volta de 1876, aproximadamente 40% da população do Ceará era formada por agregados sem-terra (DAVIS, 2002, p. 402)

¹² Em 1866, a importância da cidade de Fortaleza já estava consolidada como maior polo econômico da província. Segundo dados da Tesouraria Provincial, o porto de Fortaleza respondia, naquele ano,

As exportações de algodão propiciaram o ingresso de enorme volume de capitais para a província, enquanto mantinham-se elevadas as rendas geradas pelas exportações. Durante o período de auge econômico, as principais cidades do Ceará, em particular Fortaleza e Aracati, vivenciaram uma fase de crescimento sem precedentes. Todavia, esta expansão econômica não se traduziu em maiores investimentos em infraestrutura para o escoamento da produção. As condições precárias das estradas em direção a Fortaleza e Aracati permaneciam as mesmas de épocas anteriores. Os portos da província não foram modernizados, dificultando o embarque das mercadorias e impactando negativamente sobre a expansão das exportações (SILVA, 2011).

Em breve começaram as economias do lavrador a enriquecer as províncias vizinhas onde iam prover de farinha e legumes: as sobras de ouro estrangeiro voltavam em troca de objetos de luxo, de fazendas finas. Aqueles que não dissipavam seus lucros, os empregava na edificação de casas. Próximo aos pontos mais produtores de algodão, levantaram-se arraiais, transformados logo em povoações. Mal aplicada economia, porque além de ínfimo o rendimento da quantia despendida, a propriedade ficava sem cotação (THEOPHILO, 1922, p. 22).

Por outro lado, parte da riqueza gerada pelo algodão no Ceará não permaneceu na região. Ela foi transferida para províncias vizinhas, em decorrência do pagamento pela compra de gêneros alimentícios, visto que a província não era autossuficiente na produção de mantimentos para o seu consumo. Outra parte foi gasta na aquisição de produtos supérfluos e na compra de materiais para a construção civil mais sofisticados. O aumento das exportações de algodão proporcionou uma grande oportunidade para que a região do semiárido nordestino, em particular para que província do Ceará, saísse da dependência da agricultura de subsistência e da pecuária bovina. As informações contidas na Tabela 8 mostram um crescimento contínuo no volume das exportações de algodão pelo porto de Fortaleza entre 1860 e 1877, somente revertido em 1877/78 em razão das fortes estiagens que afetaram a província nos anos de 1877 a 1879. Somente em 1881/2 é que as exportações de algodão pelo porto de Fortaleza conseguiram retornar ao nível anterior a grande seca.

por 59% de todas as mercadorias transportadas por via marítima (1.567 toneladas). Em seguida, estava a cidade de Aracati com 17%.

Tabela 8 - Exportação de Algodão no Porto de Fortaleza, 1860 a 1872

Ano	Quantidade em Toneladas	Valor em Mil Reis (\$)	Preço Médio em Reis (\$)	Preço Médio (1865/6 = 100)
1860-1	863,5	419.810,00	486,2	54,80
1861-2	745,9	470.479,80	630,8	71,10
1862-3	646,1	659.235,00	1020,3	115,00
1863-4	888,3	1415096,3	1020,3*	115,00
1864-5	1.403,3	1.776.326,00	1008,4	113,70
1865-6	2.002,1	2.256.927,00	887,2	100,00
1866-7	2.380,9	2.249.267,00	947,9	106,80
1867-8	4.332,4	2.631.121,00	519,2	58,50
1868-9	4.686,3	3.684.815,00	786,3	88,60
1869-70	5.219,1	4.911.190,00	941,0	106,10
1870-1	7.253,9	4.033.040,00	556,0	62,70
1871-2	8.324,3	4.503.356,00	541,0	61,00
1872-3	4.970,0	3.070.278,00	617,8	69,60
1873-4	4.878,0	2.608.364,00	534,7	60,30
1874-5	5.738,1	2.599.072,00	452,9	51,10
1875-6	3.505,6	1.456.224,00	415,4	46,80
1876-7	3.082,4	1.163.314,00	377,4	42,50
1877-8	1.214,6	444.485,30	366,0	41,20
1878-9	628,9	283.214,00	450,3	50,80
1879-80	683,9	354.695,00	518,6	58,50
1880-1	2.071,6	945.553,00	456,4	51,40
1881-2	5.270,3	2.262.849,50	429,4	48,40
1882-3	4.345,7	1.911.286,00	439,8	49,60
1883-4	4.433,7	1.830.552,20	412,9	46,50
1884-5	3.072,2	1.300.005,70	423,2	47,70
1885-6	3.159,5	1.342.360,10	424,9	47,90

Fonte: Albano (1922, p. 4-5).

Durante o auge do ciclo do algodão, a base econômica da província do Ceará estava fundamentada em um tripé: o algodão como produto-mercadoria voltado para o mercado internacional; os comerciantes como agentes sociais que lideram o processo de acumulação e Fortaleza, cidade empório, sede da circulação de mercadorias e da acumulação de riquezas (ARAGÃO, 1989, p. 40).

4 CRISE NA COTONICULTURA CEARENSE: AUSÊNCIA DE UM MERCADO INTERNO PARA ABSORVER OS EXCEDENTES E A TENDÊNCIA DE PREÇOS EXTERNOS MAIS BAIXOS

O crescimento das exportações pelo porto de Fortaleza ao longo da década de 1860, induziu o poder compra da população expandindo o comércio da capital. Novos estabelecimentos comerciais surgem oferecendo uma ampla oferta de produtos importados, tais como: tecidos, louças etc. Como crescimento da praça de Fortaleza, outras praças anteriormente consideradas prosperas como Aracati e Icó foram estagnando, comprovando assim as desigualdades causadas pelo modelo exportador que transferia riquezas sem gerar capitais nas áreas supridoras de matéria-prima. Todavia, os elevados preços do algodão recebidos pelos produtores cearenses na década de 1860 não se repetiram na década seguinte. Com o fim da guerra de Secessão nos Estados Unidos, às condições externas que fomentaram a expansão do cultivo do algodão na província do Ceará haviam mudado. É natural supor que após o fim do conflito, as antigas redes de comércio seriam reestabelecidas e os volumes de mercadorias voltariam para patamares anteriores. O mercado produtor de algodão havia se desconcentrado e se tornado mais competitivo.

No começo da 1860 os Estados Unidos representavam 3 de cada 4 toneladas de algodão importadas pela Inglaterra. Em 1870, esta relação havia caído de 1 para 2 (CUNHA, 2019, p. 98).

Durante o auge do ciclo do algodão, a base econômica da província do Ceará estava fundamentada em um tripé: o algodão como produto-mercadoria voltado para o mercado internacional; os comerciantes como agentes sociais que lideram o processo de acumulação e Fortaleza, cidade empório, sede da circulação de mercadorias e da acumulação de riquezas (ARAGÃO, 1989, p. 40).

É natural imaginar que um antigo fornecedor retornaria ao mercado internacional quando terminasse seu conflito interno buscando reestabelecer seus antigos fluxos comerciais. Estas expectativas foram concretizadas quando os produtores de algodão nos Estados Unidos entraram novamente no mercado mundial após o fim da guerra de secessão (ver Tabela 6), procurando reestabelecer sua antiga posição de maior fornecedor para as manufaturas britânicas. Assim, com

o aumento na oferta de algodão, os preços deste arbusto tenderiam a decrescer prejudicando as regiões com baixa produtividade e/ou fornecedoras de fibras com baixa qualidade.

Dessa forma as condições para o desenvolvimento da cotonicultura brasileira ficaram menos favoráveis, para seus produtores, em maioria formado por pequenos agricultores na região Nordeste durante as décadas seguintes. Haveria condições para que o mercado interno brasileiro conseguisse absorver algodão excedente, proporcionando uma manutenção da renda do setor? Até aquele momento, não havia um mercado nacional em condições para absorver internamente os excedentes de algodão não exportado, visto que praticamente toda a produção era comercializada para o exterior. Antes do fim do conflito norte-americano já se antevia dificuldades para os produtores que haviam preenchido o espaço deixado pelos Estados Unidos no mercado internacional. Era de se esperar que o algodão de excelente qualidade proveniente dos Estados Unidos logo inundaria o mercado internacional (DAVIS, 2002, p. 402-403).

Infelizmente para os produtores cearenses, as expectativas de aumento na oferta de algodão no mercado externo não se concretizaram. Os preços no mercado internacional começaram a declinar. Em razão disso, para tentar manter sua renda, procurou-se compensar a redução no valor recebido por mercadoria por meio de mais algodão a ser exportado. Em 1865/66 foram escoadas pelo porto de Fortaleza duas mil toneladas de algodão que proporcionaram uma renda de 2.257 contos de reis¹³ Dois anos depois (1867/68), o volume de exportações de algodão aumenta em 116%, porém a renda das exportações cresce para o mesmo período em somente 16,5%. O esforço de produzir mais para manter a renda havia alcançado relativo sucesso, porém o valor médio da tonelada exportada havia sido reduzido em 41,5% em dois anos.

Para o semiárido nordestino, e em particular a província do Ceará, os efeitos na queda dos preços desta mercadoria sobre a economia local foram devastadores. Enquanto nas outras regiões havia outras possibilidades de produtos a serem explorado, no Ceará, o algodão representava cerca de três quartos das suas importações. A queda nos preços do algodão afetaria diretamente a rentabilidade da

¹³ Um conto de reis representa um milhão de reis.

maior cadeia produtiva da província, conduzindo seus habitantes a um empobrecimento.

Os sertanejos desesperados tentaram compensar produzindo ainda mais algodão. Mas enquanto faixas de lavouras floresciam nos mais remotos cantos do sertão, os produtores caíam vítimas de um torniquete entre os preços de mercado em queda e os altos e rígidos custos mundiais do transporte por terra para os portos fluviais mais próximos (DAVIS, 2002).

A cotonicultura cearense entrou em crise, deixando os proprietários de terras endividados e uma grande parte deles, com propriedades hipotecadas. Uma parcela considerável dos camponeses viu-se obrigado a trabalhar para terceiros para sobreviver, o que levou a um aumento na oferta de mão de obra e conseqüentemente uma redução no valor da hora trabalhada. Uma parcela significativa dos grandes agricultores também estava arruinada, na pobreza e endividados.

Quando se analisa as informações sobre as exportações de algodão e o valor recebido em moeda nacional por cada habitante na capitania do Ceará, podemos ter um vislumbre de como a renda está ingressando na região. As informações provenientes da literatura sinalizam que a renda gerada pelo setor exportador cearense era concentrada em reduzidos seguimentos da população, em particular os comerciantes, exportadores e grandes fazendeiros. A maior parte da população, homens livres e pequenos agricultores receberiam a menor parte. Não seria improvável afirmar, que a maior parte dos habitantes do interior sobrevivessem com base na agricultura de subsistência e ainda na pecuária extensiva. Em uma economia essencialmente agrária, a produtividade da economia estaria associada a qualidade das terras cultivadas, dos conhecimentos da mão-de-obra empregada e das técnicas de cultivo. O território cearense dispunha para expansão do cultivo do algodão uma enorme disponibilidade de terras a serem exploradas a baixo custo. A mão-de-obra necessária para tocar as plantações eram provenientes dos habitantes que ali residiam e daqueles que fugiam ou que não eram absorvidos pela economia da cana de açúcar. Registros históricos assinalam um grande aumento no contingente populacional na segunda metade do século XIX¹⁴.

¹⁴ Estimativas sobre a população da capitania do Ceará. Ano/Fonte/População Estimada: 1850, Cálculo de Velliers, 400.000; 1854, Dr Th Pompeu (Relatório), 400.000; 1857, Dr Th Pompeu (Relatório), 484.287; 1861, Dr Th Pompeu (Estatística), 503.000; 1862, Presidente José Bento, 510.000; 1867, Império do Brazil na Exposição, 550.000; 1868, Senador Candido Mendes (Atlas),

Os dados da Tabela 9 apontam para duas variáveis: a exportação de algodão por habitante na província para cada tonelada; e no valor per capita em moeda nacional por cada tonelada de algodão exportado. Para a construção desta Tabela foram empregadas informações disponíveis sobre as estimativas de população na capitania e nos dados sobre comércio exterior de algodão¹⁵. A partir de 1850, a população da província do Ceará cresceu substancialmente. As razões para o forte crescimento populacional podem ser diretamente associadas a riqueza proporcionada pela cultura algodoeira e nas ausências de grandes períodos de estiagem, que tradicionalmente assolavam a população camponesa. Com relação à primeira e à segunda coluna desta fonte de informações, é possível claramente identificar dois períodos distintos: o primeiro, do fim da guerra civil americana até 1870; e o segundo de 1872 em diante. No primeiro período acontece um grande esforço para produzir cada vez mais algodão para a exportação chegando a 11,3 toneladas de algodão exportado para cada cearense e 6,3 contos de reis para cada tonelada exportada. Porém, a partir de 1872, a situação muda dramaticamente, caindo os valores recebidos e quantidades per capita exportadas.

Tabela 9 - Indicadores de produtividade da economia algodoeira cearense

Ano	Quantidade per capita de algodão exportado (em toneladas)	Valor per capita por tonelada de algodão exportado
1850	0,9	276
1854	1,8	595
1857	2,3	1.073
1861	1,5	935
1862	1,3	1.293
1867	7,9	4.090
1868	8,5	6.700
1870	11,3	6.283
1872	6,9	4.254
1876	3,4	1.293

550.000; 1870, Dr José Norberto (relatório), 641.850; 1872, Censo Estatístico de 1872, 721.686; 1876, Senador Pompeu (memória), 900.000; 1877, Dr José Pompeu (chorographia), 845.343; 1878, Dr José Pompeu (chorographia), 828.000; 1879, Dr José Pompeu (chorographia) 712.000; 1881, Dr José Pompeu (chorographia), 750.000; 1884, Dr José Pompeu (chorographia), 760.000 (STUDART, 1997, p.4-5)

¹⁵ Estimar indicadores de produtividade com dados do século XIX merece um pouco de cuidado e ressalvas pelo pesquisador, principalmente quando se considera as estimativas de população e no registro de atividade econômica para este período. Contudo, mesmo com todas estas ressalvas, a tentativa de construir uma tabela que apresente um indicador de produtividade possibilita ter uma noção, mesmo que vaga, sobre a economia naquele momento.

1877	1,4	526
1878	0,8	342
1879	1,0	498
1881	7,0	3.017
1884	4,0	1.711

Fonte: Studart (1909: p. 4-5); Brasil (1890); Albano (1922, p. 4-5) e tabulações do autor.

5 CONCLUSÕES

A cultura do algodão transformou substancialmente a econômica da Capitania do Ceará durante o século XIX. Historicamente, após o fim das charqueadas no final do século XVIII, a região não havia experimentado um grande período de prosperidade econômica. O algodão, também chamado de ouro branco, proporcionou um fluxo de riqueza para a região alterando a economia e o meio ambiente local, atraindo correntes migratórias em direção ao interior da capitania. As bases econômicas estavam assentadas em um modelo primário exportador, no qual a região reagia as demandas externas aumentando sua área plantada. Não havia um mercado interno na capitania suficiente para absorver a produção local. Os preços do algodão eram fixados no principal mercado comprador deste arbusto, neste caso a Inglaterra. Ao produtor local, restava comercializar sua produção ao preço oferecido pelos atravessadores, que em sua maioria eram constituídos de negociantes ingleses. Da mesma forma que o comércio de vinho em Portugal, os ingleses controlavam direta e indiretamente o comércio de algodão na província do Ceará. E, posteriormente foram os capitais ingleses os grandes responsáveis pela expansão da malha ferroviária no Ceará, facilitando o escoamento da produção agrícola do interior em direção aos portos de Fortaleza e de Camocim.

Durante o século XIX, a população do Ceará cresceu substancialmente. Embora, somente em 1872 seja realizado o primeiro censo demográfico, as precárias estimativas para a população no começo do século XIX apontavam para mais de 150 mil habitantes. Em 1872, a população recenseada era de 742.819. Em 1900, este número havia alcançado o patamar de 849.127 habitantes. Ao mesmo tempo que população cearense crescia, também aumentava o processo de urbanização, embora a maioria estivesse ainda assentada nas regiões rurais.

O século XIX vivenciou a Segunda Revolução Industrial a partir da sua segunda metade. A eletricidade e o petróleo se constituíram na principal força

motriz, em substituição ao vapor. A indústria siderúrgica substituiu o ferro pelo aço, como principal produto. O desenvolvimento da indústria química possibilitou o florescimento de produtos sintéticos, em substituição aos de origem orgânica. Tais transformações possibilitam uma demanda por novos produtos minerais espalhados por todo o globo. A Revolução industrial, antes restrita a Inglaterra, havia se expandido pelo continente europeu, Estados Unidos e Japão no final do século XIX. A indústria têxtil, porém, não havia reduzido de importância. Pelo contrário, ela havia se expandido para outras regiões. Contudo, para a economia cearense, o principal comprador de sua matéria prima ao longo de maior parte deste período era o mercado inglês. De lá, os preços do algodão eram fixados. Assim, se os preços do algodão fossem reduzidos em libras esterlinas, restava a alternativa de exportar mais, para compensar a queda no preço (LEFF, 1972a, p. 3-22).

As condições do clima também impactaram sobre a economia algodoeira, principalmente após seu período de auge, ocorridas no último quartil do século XIX. As secas de 1877 a 1879 influenciaram negativamente sobre esta atividade, levando a uma significativa redução nas exportações do produto. Embora, após esta grande seca, a produção tenha crescido, ela não havia reestabelecido aos patamares verificados em seu auge. No final do século XIX, o mercado interno brasileiro havia crescido, de modo a absorver parte da produção interna para a indústria de tecido e de esmagamento do caroço de algodão. Durante este período, instalações industriais começam a surgir no Ceará. A importância do algodão, como principal riqueza, na economia cearense se estendeu por todo século XX, até a década de 1970. Novas pragas, como o bicudo, arruinaram a cotonicultura cearense, levando a uma gradual perda de importância na economia local.

O que diferencia a cultura do algodão no Ceará para outras atividades econômicas é o fato que ela proporcionou, pela primeira vez em sua história, embora por uma curta duração, uma riqueza que chegou às mãos dos pequenos agricultores que sobreviviam anteriormente em atividades de subsistência. Um bom exemplo disso está no fato que pequenos produtores de algodão conseguiam transportar sua produção de lã para Fortaleza em lombos de burros, e lá enchiam os armazéns urbanos da capital cearense, onde vendiam sua mercadoria e compravam tanto o necessário quanto o supérfluo. Este quadro é bem descrito por Teophilo (1883, p. 27), segundo o autor, os sertanejos vestidos de couro que "nunca tinham

visto o mar" vendiam sua colheita ao crédito em Fortaleza e compravam panos, linha, rosários, pentes e outros artigos para levar a suas famílias no sertão. Para este grupo de camponeses a renda obtida pelo algodão era bem mais elevada que a recebida, por aqueles que vendiam sua produção no campo exclusivamente para os grandes produtores locais e atravessadores que possuíam descaroadores em suas terras e transportavam o algodão para a capital.

Todavia, não existem estatísticas sobre distribuição de renda para este período na história cearense, em verdade os dados disponíveis são insuficientes e muitas vezes carecem de representatividade. Mesmo assim, eles possibilitam uma precária, mais importante janela para ver de forma tênue a realidade econômica do passado. Sob esta perspectiva, podemos vislumbrar que o algodão provavelmente proporcionou uma atenuação da terrível concentração de riqueza na região. Embora, o grosso da riqueza tenha permanecido nas mãos dos atravessadores e grandes fazendeiros, os pequenos agricultores experimentaram os efeitos positivos da inserção capitalista do Ceará na economia mundial. É importante destacar que na segunda metade do século XIX, a economia da província do Ceará apresentava por rápidas transformações em sua base econômica, passando de ser basicamente ligada a pecuária e agricultura de subsistência para uma economia gradualmente, de forma marginal, ligada a expansão da revolução industrial, como fornecedora de matéria-prima fundamental para as indústria de tecidos.

Embora, o foco de trabalho seja concentrado na cotonicultura, também é importante mencionar que expansão do capitalismo comercial no Ceará proporcionou o desenvolvimento com maior intensidade a partir da segunda metade do século XIX, do cultivo de gênero alimentícios como: café, açúcar, cera de carnaúba e arroz, não somente para consumo interno, más também para exportação. Neste período, casas comerciais estrangeiras se instalaram em Fortaleza e estradas de ferro foram construídas com a finalidade de transportar mercadorias do interior para a capital.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. 1853-1924. **Capítulos de história colonial: 1500-1800.** Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

ACCIOLY, Vera Mamede. O ciclo do algodão e o urbano em Fortaleza: evidências das contradições urbanas. **Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, v. 2, n. 01, 1993.

ACCIOLY, Vera Mamede. O ciclo do algodão e o urbano em Fortaleza: evidências das contradições urbanas. **Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, v. 2, n. 1, 1993.

ALBANO, Idelfonso. **A cultura algodoeira no Ceará**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comercio, 1918.

ALBANO, Idelfonso. Ceará Cotton: possibilities of Cotton Cultivation in the State of Ceará, North-East Brazil. In: CONGRESSO OF STOCKHOLM, 11., 1992. **Proceedings...** jun. 1922.

ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. **A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem -1880 – 1950**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus Comunicações,1989, coleção estudos históricos, número 2.

ARAGÃO, Elisabeth Fiúza. **O Fiar e o Tecer 120 Anos da Indústria Têxtil no Ceará**. Fortaleza, 2002

BRASIL, Thomas Pompeu de Souza. **Ensaio estatístico da Província do Ceará/Thomaz Pompeo de Sousa Brasil**. Edição fac-símile publicada em 1863. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 1997.

BRASIL, Thomas Pompeu de Souza. **População do Ceará em 1889**. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano IV, p- 253-272, 1890.

BRASIL, Thomas Pompeu de Souza. **População do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico. 1897. Ano XI, p. 229-231,

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Estado do Ceará na Exposição de Chicago**. Fortaleza: Tipografia da República, 1893.

CUNHA, George Henrique de Moura. Ensaio sobre a economia da província do Ceará durante do século XIX. **Revista Economia Política do Desenvolvimento**, Maceió, v. 9, p. 98, 2019.

CUNHA, George Henrique de Moura. História Econômica do Ceará - O Papel das Charqueadas na Capitania do Ceará no Século XVII. **Revista eletrônica Documento/Monumento**, Cuiabá, v. 27, p. 39 - 58, 2019.

CUNIFF, Roger. The Birth of the Drought Industry: Imperial and Provincial Responses to the Great Drought in Northeast Brazil (1877-1880). **Revista de Ciências Humanas**, 1975. DAVIS, Mike. Holocausto coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FARIAS, Airton. **História do Ceará**. 6. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

GIRÃO, Raimundo. **História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Editora UFC - Casa José Alencar, 2000.

KRICHTAL, Alexey. **Liverpool and the Raw Cotton Trade: A Study of the Port and its Merchant Community, 1770-1815**. 2013. (Master of Arts) - Victoria University of Wellington Degree, 2013.

LEFF, Nathaniel H. Desenvolvimento econômico e desigualdade regional: origens do caso brasileiro. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 3-22, 1972a.

LEFF, Nathaniel H. Uma Perspectiva a Longo Prazo do Desenvolvimento e do Subdesenvolvimento Brasileiros. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 147-168, 1972b.

MAIA, Janille Campos. **Exilados da Fome: Seca e Migração no Ceará**. 2015. Dissertação (Mestre em Ciências) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2015.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Crescimento histórico da população brasileira até 1872. **Cadernos Cebrap**, v. 16, p. 1-26, 1973. Disponível em: www.cebrap.org.br/v2/files/upload/.../crescimento_historico_da_populacao.pdf Acesso em: 10 fev. 2020.

PEREIRA, Thales Augusto Zamberlan. **Algodão e o comércio internacional do Brasil durante a revolução industrial**. 2017. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. **História da Escravidão no Ceará: das origens à extinção**. 2 ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2011.

SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil: 1500/1820**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

STUDART, Barão de Studart. Administração Borba Alardo: resumo chronológico. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, p. 335, 1908.

STUDART, Barão de Studart. **Climatologia Epidemias e Endemias do Ceará**. Fortaleza: Typografia Minerva, 1909.

THEOPHILO, Rodolfo. **História da Seca do Ceará (1877-1880)**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

THEOPHILO, Rodolpho. **História da secca do Ceará, 1811 a 1880**. Fortaleza: Typographia do Libertador, 1883. p. 27.

THEOPHILO, Rodolpho. **História da secca do Ceará, 1811 a 1880**. Fortaleza: Typographia do Libertador, 1883, p. 27.

WRIGHT, Gavin. Cotton Competition and the Post-Bellum Recovery of the American South. **The Journal of Economic History**, v. 34, n. 3, p. 610-635, Sep. 1974.